Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz
Antonio Ivo de Carvalho

CEE / ECOS - nº 4

Comunicação, Informação e Cuidado

APRESENTAÇÃO

Esta edição da série Ecos aborda as exposições e reflexões travadas na **Mesa 3**[1] do *Seminário Controle do Câncer no Século XXI: Desafios Globais e Soluções Locais*, realizado em novembro de 2025, pelo CEE-Fiocruz. A mesa teve como tema **Comunicação, Informação e Cuidado** e discutiu como a desinformação, o negacionismo científico e o uso inadequado das mídias digitais têm impactado diretamente a prevenção, o diagnóstico, o tratamento, o cuidado e o acesso em Oncologia. Tais fenômenos fragilizam a confiança da população na Ciência, nos profissionais de saúde e nas instituições públicas, produzindo atrasos nos diagnósticos, abandono terapêutico, aumento de desigualdades no acesso ao tratamento e piora de desfechos clínicos com reflexos na qualidade de vida.

1 Composição da mesa 3: Rodrigo Murtinho, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/Fiocruz), Carlos José, oncologista clínico e mestre em Gestão de Tecnologias em Saúde, Inca/MS, Fernando Lopes Tavares de Lima, Inca/MS e Claudia Collucci, repórter especial do jornal Folha de S. Paulo.

CONTEXTO

Em um cenário de ampla conectividade digital, no qual a população permanece várias horas por dia exposta a conteúdos em mídias sociais, informações falsas e apelativas circulam com maior velocidade e alcance do que conteúdos baseados em evidências científicas. O câncer, por sua carga emocional e por ainda ser um estigma social, torna-se terreno fértil para soluções milagrosas, teorias conspiratórias e discursos anticientíficos. Nesse contexto, a mesa buscou mostrar que a informação e a comunicação se tornaram dimensões centrais do cuidado em saúde, levantando reflexões sobre como combater o negacionismo e a desinformação nas redes sociais e garantir que a comunicação em saúde possa contribuir como vetor de prevenção e detecção precoce do câncer.

Foi destacado, ainda, que a comunicação, quando não estruturada como parte integrante do cuidado e orientada por modelos econômicos baseados na monetização da Atenção em Saúde, deixa de cumprir papel estratégico na Promoção da Saúde e na redução do sofrimento de pacientes e familiares. O desafio central, portanto, apontado pelos integrantes da mesa, seria a integração de uma comunicação pública qualificada, com a regulação do ambiente informacional e a inovação tecnológica centrada no paciente como dimensões estruturantes do cuidado oncológico.

PRINCIPAIS EIXOS DE ANÁLISE

1. Jornalismo Científico e Mídias

O jornalismo de saúde exerce papel fundamental na tradução do conhecimento científico, na contextualização de riscos e benefícios e na mediação entre Ciência, políticas públicas e sociedade. A desinformação em saúde gera impactos mensuráveis, como redução da adesão a exames de rastreamento, queda na cobertura vacinal e abandono de tratamentos eficazes. Iniciativas de checagem de fatos, parcerias entre jornalistas e cientistas e ações comunitárias são estratégias relevantes para mitigar esses efeitos, embora enfrentem limitações estruturais e de sustentabilidade.

2. Comunicação como elemento do cuidado

A comunicação entre equipes de saúde, pacientes e familiares deve ser compreendida como parte essencial do cuidado e não apenas como transmissão de informações clínicas. Evidências demonstram que ferramentas estruturadas de comunicação, baseadas em *Patient-Reported Outcomes* (PROs), melhoram a qualidade de vida, aumentam a sobrevida, reduzem idas à emergência e otimizam recursos. O uso ético e empático da tecnologia pode fortalecer o vínculo terapêutico, ampliar o acesso e humanizar o cuidado, inclusive em contextos de cuidados paliativos.

3. Mídias sociais: alcances e limites

As mídias sociais ampliaram o acesso à informação e possibilitaram novas formas de engajamento, apoio social e mobilização comunitária. Entretanto, operam a partir de modelos de negócio baseados na monetização de dados e no engajamento emocional, favorecendo câmaras de eco, polarização e disseminação de conteúdos enganosos. Esse ambiente informacional tem sido reconhecido como um determinante social da saúde, influenciando comportamentos, decisões terapêuticas e percepções sobre a Ciência e as instituições.

IMPLICAÇÕES

- **No controle do câncer:**
  - » Desinformação impacta prevenção, rastreamento e adesão terapêutica;
  - » Comunicação clínica deficiente compromete resultados assistenciais;
  - » Ferramentas digitais estruturadas podem gerar benefícios comparáveis a intervenções farmacológicas.
- **Na equidade e na qualidade do cuidado:**
  - » Ambientes digitais podem ampliar acesso e reduzir desigualdades territoriais;
  - » Sem regulação e educação midiática, tendem a aprofundar assimetrias e vulnerabilidades;
  - » Proteção de dados torna-se dimensão central da cidadania em saúde.

- **Na governança institucional:**
  - » Instituições públicas precisam ocupar o espaço digital de forma estratégica;
  - » Respostas isoladas são insuficientes diante da escala e do poder econômico das plataformas;
  - » Parcerias interinstitucionais e articulação com a sociedade civil são essenciais.

RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS

- **Para o ambiente informacional e regulatório:**
  - » Avançar na regulação e responsabilização das plataformas digitais;
  - » Desenvolver políticas nacionais de educação midiática e científica;
  - » Estabelecer mecanismos claros de responsabilização profissional em casos de desinformação;
  - » Proteger dados pessoais sensíveis, especialmente de pacientes oncológicos.
- **Para instituições de saúde e pesquisa:**
  - » Estruturar estratégias ativas de comunicação digital, com linguagem adequada a diferentes públicos;
  - » Fortalecer parcerias com comunicadores locais e lideranças comunitárias;
  - » Investir em formação continuada de jornalistas e profissionais de saúde em comunicação científica;
  - » Desenvolver protocolos ágeis de resposta a ondas de desinformação.
- **Para o cuidado oncológico:**
  - » Incorporar sistematicamente ferramentas de *Patient-Reported Outcomes* (PROs) ao SUS;
  - » Integrar tecnologias digitais ao planejamento regional do cuidado;
  - » Priorizar inovações que combinem melhora de desfechos clínicos e eficiência econômica;
  - » Valorizar a Comunicação como componente essencial do cuidado, não apenas como instrumento acessório.

CONCLUSÕES

O controle do câncer exige mais do que inovações biomédicas, avanços terapêuticos e tecnológicos; requer um ecossistema comunicacional e informacional saudável, com regulação democrática do ambiente digital e comunicação ética, bem como estratégias que reorganizem o cuidado centrado na escuta ativa do paciente e a confiança nas políticas e práticas em saúde, adotadas pelo SUS. Comunicação qualificada, informação e cuidado são dimensões indissociáveis para promover equidade, qualidade e humanidade na atenção oncológica, proteger a saúde pública, reduzir desigualdades e restaurar a confiança social na Ciência e no SUS.

Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho
Coordenação do CEE-Fiocruz: Rômulo Paes de Sousa.
Coordenação de Comunicação: Eliane Bardanachvili.
Autoria do documento: Grupo de Pesquisa Doenças Crônicas e Tecnologias de Saúde (DCTS/CEE-Fiocruz): José Gomes Temporão; Luiz Antônio Santini Rodrigues da Silva; Fernando Manuel Bessa Fernandes; Mirian Miranda Cohen; Walter Paulo Zoss (CEE-Fiocruz); Antônio Tadeu Cheriff dos Santos (NupeQuali/Inca).

Acesse as edições anteriores da série ECOS no site do CEE: https://cee.fiocruz.br/